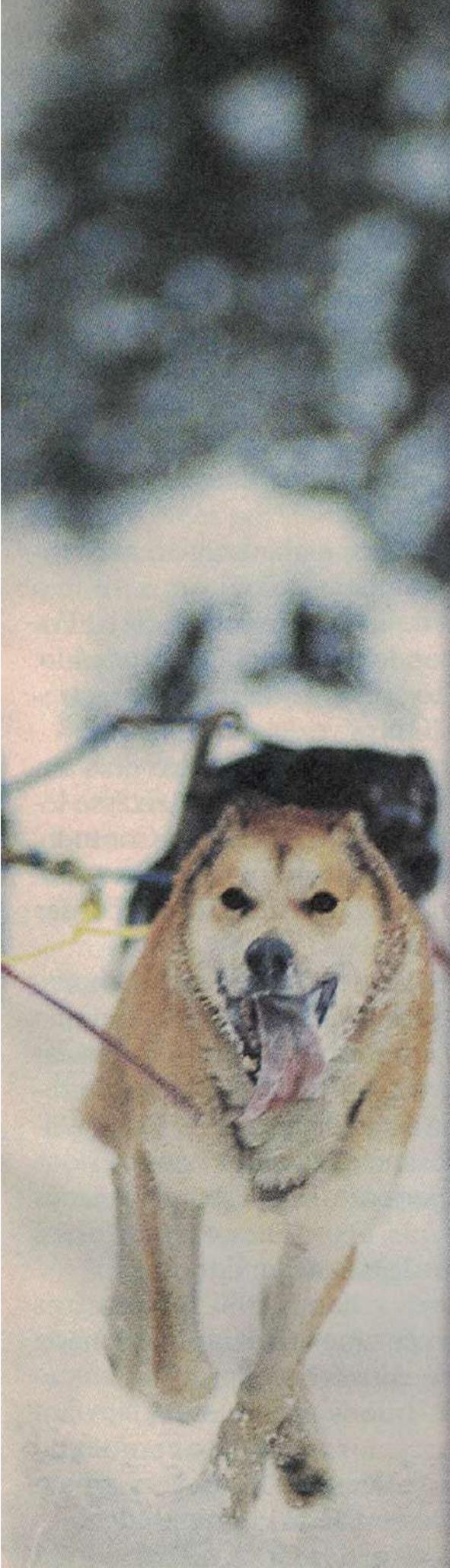




Mãe dedicada,
amiga verdadeira e a corredora
mais alegre que já conheci

Um coração nas trilhas

GARY PAULSEN



COOKIE GUIARA meu trenó por mais de 22 mil quilômetros, incluindo Iditarod, a corrida de 2 mil quilômetros de Anchorage a Nome, no Alaska. Em várias ocasiões, salvou minha vida. Em algum ponto do percurso, tornou-se mais do que uma cadela, mais do que uma amiga – quase meu alter ego.

Agora, ela estava prestes a dar à luz em meio a uma selvagem tempestade de inverno, e minha angústia era extrema. Pensei em trazê-la do canil para dentro de nossa cabana de madeira, no norte de Minnesota, mas seria quente demais. Seu pêlo estava em pleno viço – ela era um pouco loba – e o calor seria fatal.

Decidi construir uma choupana, semelhante a um iglu, com os fardos de palha que guardava perto do canil. Ficou com o tamanho ideal para nos acomodar – Cookie e eu, pois a única forma que encontrei para aliviar minha preocupação foi ficar com ela. Depois de entrar, arrastei-me para dentro do meu saco de dormir e disse a Cookie: “Confortável. Muito melhor do que de costume.”

Ela estava ocupada se lambendo e não respondeu, embora tivesse o hábito de fazê-lo. Conversávamos com frequência. Costumava explicar partes

de minha vida para ela, o que algumas vezes permitia que eu me entendesse melhor.

Adormeci e acordei quatro horas depois, quando Cookie já paria. Quatro cachorrinhos cinzentos, emitindo pequenos ganidos, haviam nascido e já estavam limpos.

Tudo foi bem até o oitavo e último filhote. Era natimorto. Cookie trabalhou nele, lambendo-o cada vez mais forte, tentando fazê-lo respirar, quase desvairada.

Ela rosnou de preocupação, e o resmungo transformou-se em um lamento. Cobri-lhe os olhos com uma das mãos e, com a outra, peguei o filhote e o escondi sob um punhado de palha, perto da saída. No caso de outras fêmeas, eu ocultara o filhote morto para levá-lo embora depois, e funcionara. A mãe se concentrava nos cachorrinhos vivos e esquecia o natimorto.

Mas eu deveria ter imaginado. Esta era Cookie – teimosa, imensamente resolvida, poderosa e completamente dedicada àqueles que amava. Ela procurou o filhote e, quando não conseguiu encontrá-lo, olhou-me nos olhos.

Onde está ele?

Puxei-o de volta, ela o pegou gentilmente com a boca, colocou-o no chão e começou a acariciá-lo novamente. Quando não conseguiu fazê-lo responder, colocou-o junto aos outros, que mamavam.

O movimento dos filhotes fez com que o corpo do morto se movesse. Ela deve ter acreditado que estava vivo, porque se recostou, exausta de dar à luz, fechou os olhos e dormiu. Aguar-

dei um minuto inteiro e depois, cuidadosamente, removi o cachorrinho morto e levei-o para um banco de neve a 18 metros de distância. Enterrei-o, voltei furtivamente ao abrigo, entrei no saco de dormir e adormeci.

Quando acordei, Cookie ainda dormia. Estava me preparando para sair quando algo me fez parar. No meio dos outros estava o filhote morto, deitado em posição de mamar. Durante o meu sono, Cookie se levantara e o encontrara.

Fiquei entre a angústia e a admiração. Novamente pensei em retirar o filhote enquanto a cadela dormia. Porém, quando me estendi para pegá-lo, seus olhos se abriram e os lábios tremeram. Outra vez ela me encarou.

Passaram-se quase quatro dias antes que ela finalmente me deixasse levar o natimorto embora. Contudo, mesmo assim, rosnou; não para mim, mas para o destino que a fizera perder um filhote.

Presos na neve. Tive outra demonstração da devoção de Cookie em uma corrida noturna de inverno. O céu estava claro, 5 ou 10 graus abaixo de zero, numa noite de lua cheia. Coloquei-a na liderança da equipe com três dos cães experientes, além de seis de seus filhotes que, agora, quase crescidos, os seguiam. Totalizavam dez cães.

Planejava correr 160 quilômetros ao longo de uma ferrovia abandonada que fora convertida em trilha selvagem. Os trilhos e dormentes haviam sido removidos, e as antigas pontes de cavalete foram recobertas com grossa camada de madeira compensada.

Após 40 quilômetros, começamos a

atravessar uma ponte sobre um rio. No meio da travessia, a uma altura de seis metros, os cães subitamente pararam. Algum maníaco roubara o compensado que servia de base para a neve.

Empurrei os dois dentes de aço de meu freio. Porém, em vez de deslizar no compensado para uma parada gradual, os dentes se prenderam à viga descoberta e travaram o trenó, com um solavanco.

Bati na barra de controle com o estômago, voei por cima do trenó e caí de cabeça em um banco de neve, próximo ao rio. Foi perfeito. Se tivesse caído no rio, teria me afogado ou congelado. Se batesse no gelo, poderia ter quebrado o pescoço.

Enquanto tentava ficar de pé, vi Cookie aguardando na plataforma, com a equipe alinhada atrás dela, cada cachorro em um dormente, com um espaço livre entre eles. Não poderia fazê-los virar sem que os arreios se enrolassem. Nem poderia guiá-los através da ponte de cavaletes com o equipamento; os mais jovens cairiam nos vãos.

“Não posso fazer nada”, disse a Cookie.

Ela me encarou. *Você nos colocou nisso, disseram seus olhos, e é melhor encontrar uma saída.*

Subi pelo banco de areia até a ponte e comecei a soltar os cães, um de cada vez. Eles atravessaram, movendo-se com cuidado de um dormente para o outro. Quando alcançavam a margem, não paravam. Os cães mais velhos já haviam estado aqui e conheciam o caminho de casa. Os filhotes correram atrás. Logo desapareceram na noite.

“Bem”, comentei com Cookie, “agora somos você e eu.” Soltei-a, e não acreditei quando ela disparou atrás dos outros. “Traidora”, disse, muito magoado.

Consegui arrastar o trenó para fora da ponte. Quando alcancei terra firme, continuei a avançar com o veículo atrás de mim, sentindo-me como se estivesse em um moinho. Com mais 50 quilômetros para percorrer, levaria três dias para chegar em casa.

Após cerca de 40 minutos, ouvi um ruído. Um grande cão avermelhado, de nome Minto, apareceu e sentou-se, olhando para mim.

“Olá”, eu disse. “Está solitário?” Enquanto eu estava acariciando suas orelhas, outro cachorro, Winston, chegou trotando.

“Que é isso?”, perguntei. “Lealdade?”

Na verdade, eles não deveriam estar ali. As equipes de corrida são treinadas para apenas um objetivo: avançar e nunca parar. Eles não voltam. Mas quatro outros animais apareceram, então mais um, e os dois últimos filhotes; por fim, Cookie.

Atrelei-os e consegui fazer um “obrigado” passar pelo nó em minha garganta. Enquanto os conduzia de volta, observei que alguns dos cães tinham ligeiras feridas, em conseqüência de dentadas nas extremidades das orelhas.

Mais tarde, sentado na cozinha, comentei com minha mulher, Ruth:

– Parece loucura, mas tenho a impressão de que Cookie foi atrás deles e os obrigou a voltar. Nunca ouvi falar em nada parecido.

– Uma coisa eu sei
– respondeu Ruth. –
O salário dela está
muito baixo.

Cookie e eu tive-
mos que nos aposen-
tar das corridas quase
na mesma época.
Uma artrite nos tor-
nozelos colocou-a na
reserva. Depois, um
dia, separando uma
briga de cães, senti
uma dor súbita no
peito. O médico disse
que eu tinha um pro-
blema cardíaco.

Encontrei alguém
para ficar com os ou-
tros cães e transferi
Cookie para dentro da casa. Ela ficava
comigo constantemente, sentada perto
do sofá para ver TV, e rosnava sempre
que um cão ou gato entrava.

Com a ajuda de remédios, dieta e
exercícios, pude ficar mais ativo. Na
primeira manhã fria de outono, saí
com Cookie para cortar gravetos. Pa-
rei perto do monte de lenha, mas ela
continuou avançando.

Eu sabia o que estava pensando.
Longas corridas, puxando um trenó
com rodas, sempre ocorriam com o
início do frio. Cookie as amara.

Encontrei-a precisamente no pon-
to do canil onde estivera centenas de
vezes, aguardando que eu arreasse a
equipe. “Não”, disse, aproximando-
me dela. “Não fazemos mais isso.”



*O prazer de Cookie pela corrida
foi captado neste retrato de
Ruth Wright Paulsen*

Ela ganiu baixinho.

Voltei para a pilha
de lenha. Não tive co-
ragem de olhar para
trás, ou a teria perdi-
do. Como sempre,
sua determinação a
estar comigo superou
até mesmo o chama-
do da trilha. Quando
me alcançou, estendi
a mão para acariciá-
la. Ela se encostou
em minha perna.

DOIS VERÕES e ou-
tro inverno chegaram
e se foram. Cookie
continuou ao meu la-
do. Certa manhã, no

fim do verão, deixei-a sair e ela não vol-
tou para o café da manhã. Encontrei-a
embaixo de uma pequena árvore, mor-
ta, com o rosto virado para o leste, os
olhos semi-abertos.

Sentei-me ao lado dela, chorando.
Depois, levei-a para o local no canil
onde ela adorava ficar, no qual eu ar-
reava os animais. Enterrei-a lá, ainda
com a coleira, incluindo a pequena eti-
queta de metal com o número 32 – seu
número, e meu, na Iditarod.

Pensei na época em que ela era jo-
vem e não havia nada em frente a nós,
apenas o brilho do gelo no horizonte.
Qualquer que seja o lugar para onde
vão os cães após a morte, desejo que
ela encontre, de vez em quando, uma
boa corrida.

É IMPOSSÍVEL rir e se preocupar ao mesmo tempo.

Myrl V. Murray